

DISCURSO DE ÓDIO: DA CONFIDÊNCIA AO SILENCIAMENTO – PROCESSOS DISCURSIVOS PRESENTES EM UMA PORTA DE BANHEIRO

SHAIANE DA SILVA NEVES¹;
JANAINA CARDOSO BRUM²

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – shaiane-neves@hotmail.com 1

²Universidade Federal de Pelotas – janabrum.uab@gmail.com 2

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho insere-se no âmbito do projeto de pesquisa *Discurso de ódio: mídia, redes e movimentos sociais*, o qual utiliza como aporte teórico a Análise de Discurso (AD), desenvolvida em meados do século XX, pelo filósofo francês Michel Pêcheux, conhecido ainda hoje como o maior expoente na área.

Dessa maneira, ao pensarmos as características gerais que perpassam a temática do grupo de pesquisa, bem como o estudo aqui desenvolvido, podemos definir o discurso de ódio como:

Aquele que incita a discriminação de indivíduos ou grupos de indivíduos devido à raça, ao gênero, à religião, à nacionalidade, à orientação sexual, etc. [...] O discurso de ódio manifesta-se nas mais variadas condições de produção, desde manifestações de rua e eventos religiosos até redes sociais e redes de discussão na internet (BRUM, 2016, p. única).

Percebemos que o discurso de ódio institui-se por fatores ligados diretamente à não-aceitação do outro e do que é visto como diferente, de forma que notaremos, em muitas Formações Discursivas (FDs), um discurso que se instaura como censura a posições contrárias.

Dessa maneira, o presente estudo propõe-se a fazer uma análise de formulações sobre aborto presentes em uma porta de banheiro no espaço universitário, mais especificamente no Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas (CLC). A fim de compreender de que modo tais formulações são atravessadas de sentido, surge a necessidade de entender esse local, sendo que uma cabine de banheiro pode ser caracterizada como um âmbito fronteiro, pois pertence a dois espaços de domínios diferentes, de modo que ambos se entrecruzam.

Assim, ressaltamos que todas as sequências discursivas analisadas foram retiradas de uma porta de banheiro feminino, local em que uma discussão sobre a prática do aborto foi instaurada. Com isso, surge o seguinte questionamento: por que uma discussão sobre o aborto, tema visto como um tabu perante a sociedade, emerge em um local salvaguardado da crítica e do preconceito, passando os sujeitos a se expressarem livremente?

2. METODOLOGIA

Como expresse anteriormente, o presente trabalho foi construído sob o aparato teórico-analítico da AD, a qual foi desenvolvida pelo filósofo Michel Pêcheux. Assim, utilizaremos os pressupostos teóricos da AD, e também, as noções de ideologia, assujeitamento e o conceito de Aparelhos Ideológicos de



Estado (AIE's), da concepção materialista de Althusser (1985), para fazer a análise das formulações presentes na porta do banheiro feminino do CLC da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Ainda, nos valem das concepções de confiança e de silenciamento, abordadas por Souza (1997), em seu livro *Confidências da Carne*, e por Orlandi (1995), no livro *As formas do silêncio*, respectivamente.

Contudo, em AD, não há uma metodologia prévia. A análise faz-se em um movimento pendular entre a teoria e o *corpus*, como evidencia Ernst (2009), ao citar três conceitos-chave para o analista na observação do seu *corpus*: a falta, o excesso e o estranhamento:

Esses conceitos aqui tomam uma dimensão, pode-se dizer operacional, de reconhecimento de sequências discursivas que possibilitam criar o gesto de interpretação do analista frente aos seus propósitos, funcionando como princípios gerais e não como dispositivos técnicos, de caráter formalista ou empírico. Ao contrário, tais conceitos podem e devem abrigar incontáveis modos do dizer e do não-dizer. Assim, numa dada conjuntura histórica frente a um dado acontecimento, aquilo que é dito demais, aquilo que é dito de menos e aquilo que parece não caber ser dito num dado discurso, constitui-se numa via possível, mesmo que preliminar e genérica, de identificação de elementos a partir dos quais poderão se desenvolver os procedimentos de análise do corpus (ERNST, 2009, p.2).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Louis Althusser (1985) aponta que a ideologia interpela o indivíduo em sujeito. Assim, o sujeito, a sociedade e a língua são indissociáveis. Essa concepção integra a noção de que somos seres assujeitados, estamos sujeitos à linguagem, à sociedade, aos discursos que nos perpassam cotidianamente. Os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE's), dos quais o autor nos fala, são representados pelas superestruturas e estão diretamente ligados às formações discursivas que se originam posteriormente, conforme as condições de produção do discurso. Um dos AIEs considerado dominante é a escola, visto que ela possui um papel fundamental na construção de vida dos sujeitos (ALTHUSSER, 1985).

Desse modo, compreendemos a universidade como uma instituição escolar, visto que ela representa, em suma, uma das instituições reguladoras da conduta e do discurso. Sendo um AIE, ela age como órgão reforçador no processo ideológico, de modo a fortalecer ou apagar certos discursos e a estabelecer um conjunto de normas criadas implicitamente, as quais estão presentes no entorno dos espaços públicos da universidade, sendo responsáveis por determinar o que pode ou não ser dito nesses âmbitos.

Baseado nisso, pensaremos o sujeito abordado por Souza (1997), nele temos a descrição do sujeito confidente:

O ato de escrever uma carta pessoal cumpre a regra fundamental do regime confidencial, que é de ser um ritual privado de interlocução, no qual o remetente revela-se sem se expor publicamente (SOUZA, 1997, p.67).

Apesar de não se tratar de discurso epistolar, nas formulações analisadas, percebemos que, isolado em uma cabine de banheiro, o sujeito vê-se imune às críticas e aos comentários que normalmente o coibiriam. Assim, o sujeito, em esfera privada, inscreve-se na porta de banheiro por meio de uma confiança, a



qual faz ao escrever formulações que não exprimiria em esfera pública. Notamos que essa confissão perpassa o âmbito privado e figura em âmbito público, já que a cabine de banheiro é acessível a todos do CLC.

No espaço universitário, o tema aborto é visto como um tabu por tratar de questões a respeito do corpo feminino. Conforme Weiss: “Enunciar o corpo imprime uma ordem de subversão e transgressão do sistema escolar” (Weiss, 2001, p. única). Assim, entendemos que não há espaço para fazer reflexões referentes ao corpo feminino e à prática abortiva ou até mesmo para enunciar o corpo, como indica Weiss. Desse modo, conduzir a discussão às portas de banheiro, é índice de que o sujeito estudante, tendo interditado o dizer sobre o aborto no espaço propriamente público da universidade, passa a confidenciar em âmbito privado aquilo que o condenaria no espaço público, de modo que o debate esgueira-se, chegando às portas de banheiros.

Das formulações presentes na porta do banheiro, foram retiradas três sequências discursivas que abordavam a discussão sobre o aborto, aqui, apenas uma delas será analisada. Dessa forma, em uma discussão sobre aborto, esperamos a emergência de, ao menos, duas posições-sujeito: uma que se coloque a favor e outra que se coloque contra a prática abortiva. No entanto, uma terceira posição é instaurada, não se colocando nem a favor, nem contra o aborto. Manifesta-se, na porta que figura como *corpus*, uma posição-sujeito que não adere a nenhuma das ideias contrárias que figuram no embate.

Vejamos:

SDR1: Libere seus argumentos de outra maneira, não na porta!

Benveniste (1989), filósofo não ligado à teoria da AD, mas que, contudo, utilizaremos como meio teórico-analítico para dar conta do discurso por meio das marcas de enunciação, defende que os pronomes pessoais podem ser divididos em duas categorias, a de pessoa e a de não-pessoa do discurso. Essas categorias correspondem respectivamente à primeira e segunda pessoa do discurso e à terceira pessoa do discurso. Dependendo do uso da categoria de pessoa, criam-se efeitos de sentidos diferentes, o *eu* e o *tu*, considerados parceiros da enunciação, instauram a possibilidade de estabelecer uma troca discursiva nas formulações, enquanto que o *ele* dá ao enunciado um efeito de sentido que interdita essa interação e relaciona-se exclusivamente com o objeto do seu discurso.

Logo, percebemos que o sujeito critica o ato de escrever em portas de banheiro por meio do mesmo ato. Ao usar o verbo *liberar* no imperativo, sua intenção é intimidar o outro: o *eu* dá um ordem direta ao *tu*. Assim, a categoria de pessoa utilizada na terceira posição-sujeito emerge pelo caráter de censura que acompanha tal posicionamento. O ato de censurar necessita que o *eu* aproxime-se, de certo modo, do *tu*, diferentemente das outras sequências discursivas analisadas, em que a categoria de não pessoa é utilizada, aqui, o sujeito atrela ao seu discurso um posicionamento que critica diretamente o outro, utilizando a categoria de pessoa. Ainda, temos a frase na forma negativa que reforça o ato de silenciar.

4. CONCLUSÕES

A respeito da terceira posição-sujeito, percebemos que o *eu* expresso nessa posição pressupõe algo que não cabe à discussão: a preocupação do

sujeito discursivo diz respeito ao ato de riscar em uma porta de um espaço público. Dirigindo-se frontalmente às posições favorável e contrária ao aborto, percebemos que há, pois, sobreposto às mensagens iniciais a favor e contra o aborto, um discurso que emerge contra a prática de escrever em portas de banheiros. Não mais se censura a posição a favor ou a posição contra o aborto, censura-se o ato de discutir o tema: aborto, ou seja, censura-se a existência mesmo do embate dentro da própria universidade.

Ao retomar Souza em: “entretanto, o que é falar na esfera privada transforma-se no ato de calar na esfera pública (Souza, 1997, p.20)”, percebemos que a discussão que figura na porta de banheiro configura-se como um exemplo de discurso de ódio, visto que essa terceira posição emerge para recuperar um conjunto de regras e preceitos que vigoram na sociedade e que não deixam com que alguns assuntos, tema de embate moral, nesse caso, sejam abordados publicamente, sendo eles coibidos, tanto em âmbito público como em âmbito privado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 6ª edição, Rio de Janeiro, Editora Graal, 1992.

BENVENISTE, ÉMILE. O Aparelho Formal da Enunciação In: **PROBLEMAS DE LINGÜÍSTICA GERAL II**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1989.

BRUM, J. Projeto de pesquisa: **Discurso de ódio: mídia, redes e movimentos sociais**. Acessado em 10 de out. de 2017. Online. Disponível em: <<https://cobalto.ufpel.edu.br/pesquisa/coordenacao/projeto/visualizar/6615>>.

ERNST-PEREIRA, A. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/ interpretação do corpus discursivo. In: **SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO**, 4, 2009. Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>>. Acesso em: 10 de set. de 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As Formas do Silêncio**. 3ª edição, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

SOUZA, Pedro de Souza. **Confidências da Carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

WEISS, G. O discurso sobre o corpo em questão: diálogos no espaço dos banheiros. In: **SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE LINGUAGEM E ENSINO**, 4, 2005. Pelotas. Anais... Pelotas: UCPEL, 2005. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/SENALE_IV/IV_SENALE/Gregory_Costa.html>. Acesso em: 20 set. 2017.